

Jânio deixa dívida ^{externa} de US\$ 210 milhões

Luíza Erundina, futura prefeita de São Paulo, vai herdar uma dívida que no momento está em torno de US\$ 210 milhões (Cz\$ 111,6 bilhões): a administração Jânio Quadros não paga a maioria dos empreiteiros desde julho, e eles desconfiam seriamente que o dinheiro não sairá neste ano. Segundo a Associação Paulista dos Empreiteiros em Obras Públicas (Apeop), o atraso no pagamento das faturas já provocou a demissão de 8.291 trabalhadores nos meses de agosto e setembro — técnicos da entidade calculam que esse número poderá aumentar ainda mais nos próximos meses.

Pior. Há o risco de muitas obras pararem por falta de recursos, principalmente as do pacote viário, como a nova ligação da Juscelino Kubitschek e a reurbanização do Anhangabaú, consideradas a “menina dos olhos” do prefeito Jânio Quadros. Até a coleta de lixo poderá ser suspensa. Carlos Sveibil Neto, presidente da Apeop, explica por que: “A Prefeitura deve mais de US\$ 150 milhões (Cz\$ 79,7 bilhões) às empreiteiras responsáveis pelas grandes obras do pacote viário; US\$ 50 milhões (Cz\$ 26,5 bilhões) para as pequenas empreiteiras que fazem obras de pavimentação, recapeamento, conservação de galerias e jardins e construção de creches e postos de saúde, além de US\$ 10 milhões (Cz\$ 5,3 bilhões) às que recolhem o lixo da cidade”.

Sveibil previra esse caos meses atrás: “Recomendamos à exaustão que a Prefeitura só

contratasse obras para as quais já houvesse verbas empenhadas. Mas o Jânio fez ouvidos moucos, e o resultado está aí — não há dinheiro para tantas obras, muitas desnecessárias”. A esperança do presidente da Apeop está no orçamento da Prefeitura para o ano que vem, em que consta que existem financiamentos aprovados pelo Senado no valor de 80 milhões de OTNs: “Se esse dinheiro realmente sair, dará para pagar as dívidas”. Ele reconheceu, no entanto, que Luíza Erundina ficará sem recursos para tocar obras sociais e poderá paralisar aquelas que julgar sem prioridade, como as do pacote viário.

Se a nova prefeita tomar realmente essa decisão, não será nenhuma surpresa para Sveibil: “Desde que essas obras foram anunciadas, nós, da Apeop, fomos totalmente contrários, pois entendíamos que havia outras necessidades mais urgentes a serem atendidas na cidade”. Mas ressaltou: “Já que a decisão de construí-las foi tomada, a obra tem de ser paga e, mesmo que atenda a uma pequena parcela da população, deve continuar, pois é melhor beneficiar uma região, do que não atender ninguém.

Sveibil foi mais além. “Agora, se a Erundina conversar com a gente e avaliar de forma clara e transparente a paralisação das obras por falta de verbas e optar por uma inversão de prioridades, não há dúvida de que concordaremos com ela.” (Mais notícias da eleição na Capital na última página.)